

A FILOSOFIA COMO SUPORTE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES

PHILOSOPHY AS A SUPPORT IN THE TRAINING OF EDUCATORS

Suelene Leal Amaral¹

RESUMO: A pesquisa desenvolvida nesse trabalho parte da problemática referente à necessidade de formar o educador consciente do valor da formação filosófica para a construção de um ensino capaz de superar o pragmatismo, comumente presente nas salas de aula, contaminadas por práticas totalmente afastadas de um contato mais autônomo com o saber. Neste artigo serão abordados assuntos referentes ao processo de formação do pedagogo, no que diz respeito à emancipação intelectual que a disciplina de filosofia pode oferecer a esse profissional da educação. Os objetivos pretendidos são: promover aos educadores possibilidades reflexivas sobre os diversos problemas que sua profissão enfrenta, bem como instigá-los a superar as metodologias, conteúdos e todos os procedimentos alienadores existentes no universo educacional, uma vez que o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo do pedagogo é um passo de elevada importância para a educação, pautada na formação do cidadão. Para fundamentar tais discussões foram utilizados os seguintes autores: Chauí (2004), Cotrim (2006), Ghiraldelli (2006); (2007), Gallo (2007), Luckesi (1995), Saviani (1989); (1990).

PALAVRAS- CHAVE: Filosofia. Educação. Emancipação. Pedagogia.

ABSTRACT: The research was developed in this article, presenting the problematic of the necessity to graduate the conscious teacher in terms of the philosophical formation to the teaching capable to overcome the pragmatism, presents in the classroom, influenced through practices away from the knowledge. In this article will be board subjects about the pedagogical formation process, specially about the intelectual emancipation that the philosophy subject offers to this kind of educational professional. The main objectives are to promote to the teachers reflexive possibilities about a variety problems that there are in this job, and also about how to instigate them to overcome the methodologies, contexts and all the existent alienative procedures in the educational universe, since the critical and reflexive

¹ Mestranda no PPG ProfEPT IFSertãoPE. Professora Autarquia Educacional de Serra Talhada (AESET-PE). Coordenadora de Integração Escola Empresa - Escola Técnica Pedro Leão Leal.

development of the the teacher is important to the education, based on citizen formation. To the theory, some of these authors was based: Chauí (2004), Cotrim (2006), Ghiraldelli (2006); (2007), Gallo (2007), Luckesi (1995), Saviani (1980) and (1989).

KEYWORDS: Philosophy; Education; Emancipation; Pedagogy.

INTRODUÇÃO

A elaboração desse artigo surgiu da possibilidade de se verificar a inadequação e o déficit da prática pedagógica existente nos cursos de graduação dos Institutos Superiores de Educação. No primeiro momento discutir-se-á a conceituação histórica da palavra filosofia, desde colocações platônicas a conceituações contemporâneas, porém levando em consideração a importância da filosofia e a contribuição desta para a pedagogia. No segundo momento do presente trabalho foi exposta a conceituação da palavra pedagogia. As informações contidas nesse tópico ainda definem a função do profissional da pedagogia, e suas contribuições para o “universo” educacional. Por último serão levantadas discussões que apresentam a importância de inserir à formação do pedagogo uma quantidade maior de aulas da disciplina de filosofia, visando com isso, formar profissionais mais completos, com uma bagagem mais sólida e fundamentada. Assim, será possível formar profissionais com um potencial crítico suficiente para detectar e procurar meios solucionadores para os problemas corriqueiros característicos da educação.

1 BREVE CONCEITUAÇÃO HISTÓRICA DA FILOSOFIA

A palavra filosofia é de origem grega e é atribuída ao filósofo Pitágoras de Samos que viveu no século V a.C. A filosofia surgiu quando alguns gregos admirados e espantados com a realidade, se mostraram insatisfeitos com as explicações que a tradição mítica lhes dera, começaram, então, a buscar explicações para os fatos e acontecimentos que poderiam ser analisados por meio do uso da razão. O conhecimento filosófico surgiu com pensadores gregos que chegaram à conclusão de que a verdade sobre o mundo e os seres humanos

não é algo secreto ou restrito à vontade dos deuses, pois o homem é um ser racional provido de um raciocínio que lhe permite pensar por si mesmo os fenômenos à sua volta.

Pitágoras se posicionou como um defensor da racionalidade e para ele o ato de filosofar representa o amor pela sabedoria. Filosofia significa, portanto, “amizade pela sabedoria” ou “amor e respeito pelo saber”. O Filósofo tem amizade pelo saber, deseja ser sábio e dedica toda a sua vida ao questionamento, (CHAUI, 2004, p. 18).

A definição de Pitágoras revela seu imenso amor pelo conhecimento, no entanto não é a única forma de definir tal saber, dado que ao longo da história é possível constatar outras construções conceituais, inclusive mais atuais.

Segundo Ghiraldelli (2006), filósofo brasileiro contemporâneo, a filosofia é simples na medida em que fala sobre situações que parecem inicialmente muito corriqueiras. Ela se volta para o banal, mas na sua simplicidade ela se torna complexa, quando se trata do banal de forma a desbanalizá-lo. O banal é tudo aquilo que as pessoas costumam aceitar como o que está aí, aquilo que se torna descabido ao interesse de alguém. São fatos, situações e casos que dividem espaço com o homem, porém nunca foram questionados, ou quem sabe, nunca se parou para pensar ou refletir sobre isso, e portanto, se torna banal e não percebido. Muitas vezes, o homem se depara com situações que lhe fazem perceber que aquilo que antes não tinha valor nenhum é de grande significado e seu espanto e admiração o fazem perceber que o banal muitas vezes não é tão banal. O ser humano é que na sua ignorância e preguiça, acaba acatando o conceito do outro e generalizando seu pensamento, ou simplesmente não raciocina sobre aquilo que lhe foi transmitido aceitando quase tudo como pronto e acabado. “A filosofia, desde sua origem na Grécia antiga, começa pela admiração e pelo estranhamento do mundo.” (GHIRALDELLI, 2006, p. 82)

O autor enfatiza a ideia de que o banal quando passado pelo processo de desbanalização se torna um problema para o filósofo, pois o mesmo agora precisa correr atrás de uma solução para tudo isso. A ânsia de realização e de transformação sempre foi característica da filosofia. O espanto produzido pelo

modo novo de enxergar velhas coisas deve fazer parte não apenas do cotidiano do filósofo, mas o pedagogo também deve procurar ver os problemas da educação para além de sua banalização.

Platão trata a filosofia como a libertação humana em relação à alienação, no Livro VII da *República* conhecido como “alegoria da caverna”, pode-se observar que o filósofo é colocado como aquele que se libertou das correntes da ignorância e ao contemplar a verdadeira realidade deve retornar ao meio dos outros indivíduos para orientá-los.

Segundo Chauí (2004), o filósofo moderno Immanuel Kant afirma que é impossível aprender qualquer filosofia, somente é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a funcionar de modo autônomo e crítico sem a tutela de outrem, ou seja, para Kant filosofar é acima de tudo tornar o pensamento livre da influência da opinião de terceiros que desejam impor suas visões de mundo a outros de modo a conduzir suas existências.

Kant (1999) defende a ideia de que o homem em termos de conhecimento precisa ser autosuficiente, e se servir do seu próprio entendimento, o ser humano precisa de coragem, pois na maioria das vezes o homem apresenta-se como um ser cômodo, que espera que outros façam aquilo que é de obrigação sua. Na concepção kantiana, o ser humano demonstra preguiça e prefere aceitar tudo aquilo que lhe é imposto de maneira a não reclamar de nada, isso simplesmente pelo fato de não ter coragem de raciocinar e interpretar o mundo com sua visão, o pronto e acabado passam a lhe agradar quando acompanhados da ideia de que já está tudo concluído. A preguiça intelectual está refletida nos atos alienados. Os seres humanos escolhem tutores para serem seus representantes, um médico para decidir por sua dieta, um diretor para decidir por seus métodos, um líder religioso para decidir sua fé, enfim, a maioria das pessoas entrega nas mãos de outros a direção de suas próprias vidas.

Segundo Kant (1999), o homem que não se emancipa de forma a produzir opiniões próprias à respeito de tudo que o cerca, está condenado a viver a menoridade intelectual e a seguir caminhos já trilhados, traduzidos e impostos por outros. Essa menoridade a qual o autor se refere foi o termo encontrado por ele para definir a aceitação do homem em relação às imposições externas.

O homem que não se liberta mentalmente e passa a não aceitar os fatos sem que antes faça a sua própria interpretação, se torna um “menor” do ponto de vista da administração de sua racionalidade.

A imensa maioria dos homens considera a passagem da “maioridade” difícil e muito perigosa, pois se sentem incapazes de se servirem do seu próprio entendimento. Preceitos e fórmulas são os grilhões de uma menoridade intelectual livremente escolhida. Para certos indivíduos é mais fácil continuar na menoridade, uma vez que, raciocinar se torna uma difícil tarefa para quem está acostumado com a prática de ações permeadas pela alienação.

O homem precisa passar por uma verdadeira reforma no modo de pensar e agir. Caso contrário, se tornará uma presa fácil das imposições da classe dominante, que se apresenta como tutora das demais classes que apenas reproduzem sua ideologia. Esses “representantes” não possuem interesse nenhum na emancipação da população. Como afirma Kant (1999, p. 21), “o interesse do funcionário de finanças não é o raciocínio do cliente, e sim o pagamento da sua dívida em dia, o interesse do clérigo não é o raciocínio do fiel e sim sua crença.”

Por toda parte se encontra a restrição da liberdade, porém segundo Kant (1999) é necessário defender o uso público da razão. Nenhuma Instituição, seja ela de cunho religioso ou governamental deve aniquilar o direito ao pensamento livre, é necessário, pois, permitir aos indivíduos que levem ao público seu modo de ser e pensar sem censuras ou retaliações.

Apesar de todo o esclarecimento deixado pelo Iluminismo, ainda falta muito para que os homens se libertem definitivamente da necessidade de um guia que conduza seus pensamentos e suas vidas a todo o momento. Segundo Kant (1999) é necessário promover a saída do homem da sua menoridade culpada, sobretudo das coisas da religião, pois a tutela religiosa, além de ser a mais prejudicial entre todas é também a mais densa por ser fruto de uma herança cultural arraigada no indivíduo com base em seus temores, na censura e na coação simbólica.

2 O QUE É PEDAGOGIA?

De acordo com Ghiraldelli (2007), a palavra pedagogia é originária da língua grega, na qual *paidós* significa criança e *agodé* indica condução, logo a junção dessas duas palavras, adaptadas ao português, dão origem à palavra pedagogia.

Na Grécia antiga o *paidagogo* tinha a função de conduzir a criança aos primeiros conhecimentos, como também guiá-las aos locais de ginástica e exercícios físicos. Em muitos casos, o pedagogo também executava as tarefas dos escravos ou serviçais.

Ainda segundo esse autor (2007), o pedagogo não precisava ser culto, bastava demonstrar um pouco de conhecimento dos costumes locais e já era considerado apto para exercer a sua função. Hoje esse profissional necessita de uma formação acadêmica para lidar com metodologias e práticas de ensino nas escolas.

Levando em consideração o que foi colocado quanto a significância da palavra pedagogia na Grécia antiga, até hoje ela ainda guarda algo desses antigos resquícios. Quando se usa a palavra pedagogia seu significado ultrapassa os termos “conteudistas” e abrange o mundo dos métodos, ou seja, da forma como esse conteúdo vai ser trabalhado no intuito do educando absorver e compreender o conhecimento ao qual teve acesso.

Os Estados Unidos privilegiou o mundo com a filosofia de John Dewey (1859 - 1952), e essa funcionava, segundo o autor (2007), como um sinônimo de filosofia da educação. Esses pensadores não só produziram uma pedagogia para o que seria uma educação eficiente, como também desejaram definir um conceito de pedagogia, dizendo o que ela é, ou que deveria ser.

Segundo Ghiraldelli (2007), atualmente a palavra pedagogia ganhou uma imensa responsabilidade, que é a de designar um conceito a respeito do que fazer com a educação. As tradições educacionais responsáveis por definir o conceito de pedagogia são três e foram produzidas por linhas de reflexão desenvolvidas em diferentes países.

3 A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO A SERVIÇO DA PEDAGOGIA

No Brasil, a filosofia da educação se define como uma das disciplinas que aglutinadas formam o conjunto das fundamentações da educação, tanto do curso de Pedagogia, como de todos os outros que compõem os cursos de formação de professores para todas as áreas do saber.

Para Gallo (2007), na década de setenta, com a abertura dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação no Brasil, a filosofia da Educação se tornou uma das mais importantes áreas de pesquisas, a qual se concentrava o maior número de produção intelectual já vista no Brasil.

Nos anos de 1990 a filosofia passou por uma grande crise, pois foi reformulada a grade das disciplinas dos cursos de Pedagogia e de formação de professores, com toda essa mudança foi possível contar com a maior perda da educação, sem dúvida alguma, a exclusão drástica da disciplina de filosofia. Em razão disso, a grande produção de livros com concepções críticas da década de setenta e oitenta acabaram por perder o vigor da produção, porém o autor (2007) aborda a questão de que já está mais do que na hora de investir em pesquisa de cunho filosófico voltada para o mundo educacional.

A preocupação da filosofia da educação, segundo Ghiraldelli (2006) é também observar todos os setores do campo educacional, analisando até mesmo aqueles considerados não pertinentes ou não importantes.

O filósofo da educação é o profissional que se responsabiliza por analisar a eficácia e o bom funcionamento da educação, e por essa razão muitas vezes, ele se torna indesejável e aborrecedor para aqueles que se recusam a ver os problemas da prática educacional vigente.

A filosofia da educação é uma forte aliada do profissional da educação que deve se valer dela na busca da criticidade, para analisar aquilo que é imposto aos que participam da vida escolar.

A filosofia se torna, portanto, um quesito de extrema importância na formação do pedagogo, dando a ele a possibilidade de refletir sobre o tipo de cidadãos que se tornaram todos aqueles, que no processo educacional, “passaram por suas mãos”.

Segundo Ghiraldelli (2006), a filosofia da educação auxilia o pedagogo quando possibilita a ele o uso do seu caráter questionador e reflexivo. Nesse sentido, a pedagogia passa a analisar seu verdadeiro fundamento, questionando sua prática, com a finalidade de aperfeiçoá-la no intuito de atingir metas mais exigentes. O pedagogo é o profissional apto a identificar as normas da boa educação. A filosofia da educação tem, por objetivo fundamentar ou justificar a função da pedagogia no ambiente escolar, mostrando ao pedagogo a necessidade de uma formação séria e exigente, consigo mesmo e com os conhecimentos que oferecerá aos estudantes.

A filosofia deve atuar no meio educacional como um elemento que propicie a leitura e a visão crítica da realidade com certo grau de rebeldia e com um vigor de transformação social. O professor necessita se libertar dos preconceitos e imposições sociais para assim promover ao educando uma melhor compreensão da realidade promovendo o legítimo conhecimento.

A partir disso pode-se deduzir a importância da formação filosófica para o pedagogo, que nutre verdadeiramente o desejo de ensinar de maneira mais questionadora. É de extrema importância que o educador instigue no educando o espanto, a dúvida e a inquietação que deveriam fazer parte da vida cotidiana dos seres humanos. Neste contexto,

A filosofia se manifesta ao ser humano como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão de sua existência, como lhe oferece um direcionamento para sua ação, um rumo para seguir ou, ao menos, para lutar por ela. Ela estabelece um quadro organizado e coerente de *visão de mundo*, sustentando uma proposição organizada e coerente de agir [...] A filosofia não é de modo algum uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana e a sua mais alta expressão. Traduz o sentir, o pensar e o agir do homem (LUCKESI, 1995, p. 23).

Como afirma Luckesi (1995) a filosofia se manifesta como a necessidade humana de compreensão do mundo, a partir de uma visão mais crítica, de maneira a direcionar de modo consciente seus planos e ações, ou pelo menos, o conhecimento filosófico pretende apontar ao homem o rumo a seguir na luta pela conquista de seus ideais.

Segundo o autor (1995) a relação existente entre a educação e a filosofia é bastante estreita: educar representa batalhar pela construção de uma sociedade mais justa e humana, já a filosofia trata das reflexões e procedimentos necessários para colocar essas ações em prática.

A filosofia sempre esteve ligada à Educação, como ordem de pensamento que visa tornar o homem um ser preocupado em esclarecer e participar da realidade em que vive. Em tal caso, a filosofia é considerada como sendo uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas reais apresentados no âmbito educacional. Então, em relação ao papel filosófico na educação, cabe salientar que, consiste também nessa reflexão sobre os problemas que a realidade educacional apresenta. Então, assim como na realidade social, na educacional o papel da filosofia é também o de despertar o senso crítico das pessoas.

Para Silva (2008), a educação é uma questão que vem sendo debatida desde os tempos antigos até a atualidade, por filósofos e educadores, partindo do ponto de que ela é responsável pelo processo de formação das faculdades intelectuais, morais e físicas do ser humano. Logo, se reforça o que antes já foi citado: que o papel educacional da filosofia, se concentra no desenvolvimento do senso crítico, aumentando a consciência reflexiva do homem, dirigida a si e ao mundo.

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim, como um instrumento de manutenção ou transformação social. Porquanto, necessita de meios que orientem os seus caminhos. Enfim, toda sociedade possui valores norteadores de sua prática educacional, logo não é esta que estabelece os seus fins, mas a reflexão filosófica que se encontra dentro de determinada sociedade.

Para Luckesi (1995) a filosofia sempre esteve presente na educação, dando-lhe direcionamento por meio de seus pressupostos e influenciando as práticas exercidas pelos professores. São os pensadores da educação que, ao criticá-la, propiciam que ela avance no sentido de buscar a transformação da sociedade.

Segundo Silva (2008), no meio educacional a filosofia exerce um papel de grande responsabilidade, é como se o senso crítico investigador de futuras gerações estivesse na responsabilidade de filósofos educacionais. A formação acadêmica dos profissionais da educação necessita de um potencial filosófico maior, pois o pedagogo se responsabiliza por boa parte da educação de jovens e crianças. Torna-se importante retomar e discutir o sentido do filosofar nos cursos de formação de professores, para que os futuros profissionais da educação possam atribuir novos significados às práticas docentes.

As Instituições de ensino superior voltadas para a formação de professores precisam analisar o currículo atribuído aos cursos. Os programas de ensino deveriam contemplar não somente a teoria filosófica, mas a sua reflexão com a problemática educacional, possibilitando a comunicação e a articulação dos conhecimentos. Para tanto, o currículo ao contrário de ser um conjunto de conhecimentos a serem ensinados, necessita promover rupturas epistêmicas, desenvolvendo discussões seletivas, no qual um grupo responsabilmente organizado reconhece e aprecia os saberes necessários e significativos. Entende-se que a validade da Filosofia da Educação depende da maneira como são efetivados os estudos filosóficos.

Conforme Silva (2008), a simples transmissão de pensamentos clássicos ou a discussão superficial de temas desacoplados da prática pedagógica não efetiva a reflexão e compreensão dos aspectos educativos de nada somam no ambiente escolar. É necessária uma formação cultural qualitativa de comunicação reflexiva que proporcione o entendimento do papel da filosofia na educação. O professor precisa sair da faculdade com uma capacidade filosófica maior, uma vez que, tanto o mundo educacional, quanto o mundo em que o educando está inserido, apresenta inúmeros problemas, por isso o professor precisa possuir uma visão crítica maior, o educador necessita de um aparato de conhecimento capaz de instigar a si mesmo e o ato pedagógico.

O filósofo da educação é alguém que habita o território educacional, que vive e experimenta todos os problemas cotidianos apresentados no mundo do conhecimento. Um filósofo não pode criar conceitos sobre determinados problemas caso ele não os vivencie, é por essa razão que a filosofia da educação

precisa ser problematizada por filósofos da educação que acompanhem de perto os problemas apresentados no universo educacional. O próprio pedagogo que vivencia os problemas rotineiros da educação necessita possuir uma fundamentação filosófica capaz de auxiliá-lo a elaborar seus conceitos com a finalidade de, cada vez mais, contribuir com significativas melhorias no contexto educacional.

A filosofia cria problemas relacionados à sua respectiva época de convivência, buscando sempre formular a problemática de acordo com o contexto histórico em que ela se encontra inserida. Nesse sentido, tais intelectuais tornaram-se clássicos que integram o patrimônio cultural da humanidade, levando em consideração que suas colocações eram para a época em que foram elaboradas, consideradas radicais, mas ainda são debatidas, estudadas, vivenciadas e utilizadas como fundamentação teórica para diversos trabalhos, ainda contribuem muito no processo de emancipação daqueles que demonstram interesse pelos estudos filosóficos, e não aceitam as imposições e regras impostas pelo regime vigente.

Segundo Saviani (1989), o pedagogo enquanto educador precisa sempre fazer reflexões filosóficas sobre o contexto educacional relacionado à vida estudantil do seu educando e aos conteúdos que serão ministrados, no intuito de verificar se todo aquele aparato de informações será de fato útil na sua formação como indivíduo. Quando a reflexão filosófica se volta num todo organizado para a análise sistematizada da educação, a concepção de mundo se manifesta na forma de uma concepção filosófica da educação.

Levando em consideração que a filosofia da educação não mostra ao pedagogo um caminho pronto e acabado, mas sim apresenta diversas teorias que devem ser analisadas e vivenciadas pelo professor de acordo com a necessidade apresentada pelo educando, os estudos críticos dessas teorias precisam estar presentes no processo acadêmico de formação do pedagogo, para que este venha obter uma formação mais completa, e se encontre mais apto a encarar os problemas sociais que são levados pelo aluno até a sala de aula.

Em palavras mais simples, pode-se dizer que o pedagogo precisará sempre estar norteado por uma concepção filosófica longe do senso comum. Segundo Saviani (1989), entende-se por senso comum uma concepção não elaborada, constituída por aspectos heterogêneos de diferentes concepções filosóficas e por elementos sedimentados pela tradição e acolhidos sem crítica.

Para Saviani (1989) podem-se apresentar como consequência da prática pedagógica embasada pelo senso comum, a inconsistência e a incoerência. O autor (1989), ainda afirma que para adquirir consistência e coerência no seu trabalho, é necessário que o educador se eleve ao nível do senso comum e de sua própria prática e passe ao nível do bom senso, que é o núcleo básico e preciso de sua profissão. Em concordância com o que foi relatado acima afirma Saviani:

Para imprimir maior coerência e consistência à sua ação, é mister que o educador se eleve do senso comum ao nível da consciência filosófica de sua própria prática, o que implica detectar e elaborar o bom senso que é o núcleo válido de sua atividade. E tal elaboração passa pelo confronto entre as experiências pedagógicas significativas vividas pelo educador e as concepções sistematizadas da filosofia da educação. Com isso será possível explicitar os fundamentos de sua prática e superar suas inconsistências, de modo a torná-la coerente e eficaz (1989, p. 257).

18

No processo de elaboração das práticas de bom senso que serão utilizadas em sala, deve-se levar sempre em consideração as experiências pedagógicas vivenciadas pelo educador, como também as concepções sistematizadas da filosofia da educação, numa junção de análise, com isso se fará possível ao educador a superação das suas inconsistências de maneira que seus objetivos pedagógicos almejados serão concretizados com uma maior eficácia e precisão.

O pedagogo com um embasamento teórico de cunho filosófico terá maior facilidade na identificação de métodos e conteúdos que em nada somam na vida e no contexto histórico e educacional, no qual o educando está inserido. Ou seja, conteúdos e comentários tidos como senso comum jamais poderão tomar espaço no universo profissional do educador.

Saviani (1989) afirma que entre as muitas concepções filosóficas existentes, deve-se observar a importância que gira em torno da concepção

analítica que define o papel da filosofia como a análise lógica da linguagem. Numa visão mais ampla de significados é papel da filosofia da educação realizar a análise lógica da linguagem educacional de maneira a emancipá-la de suas imprecisões e incongruências. A linguagem usada em sala de aula deve ser uma linguagem sadia e liberta de qualquer fundo preconceituoso e impreciso, uma linguagem clara que favoreça e contribua em tudo para o melhor entendimento e desempenho do educando.

Essa é mais uma das contribuições que a filosofia oferece à educação, quando possibilita uma maior clareza conceitual em relação principalmente à linguagem, à comunicação entre os educadores e com os que também fazem parte do mundo educacional.

É imprescindível que a filosofia desempenhe um papel indiscutível na formação do educador, e a prova disso se dá através da obrigatoriedade da existência dessa disciplina que se vê no currículo mínimo dos cursos de pedagogia. Com todas essas informações sobre a educação e a contribuição da filosofia, chega-se à conclusão de que a filosofia exerce uma grande importância no âmbito educacional, e essa importância se baseia na necessidade de saber lidar com problemas.

Saviani (1990) afirma que o ponto de partida da filosofia é, então, esse algo que recebe o nome de problema, o objeto da filosofia, aquilo que leva o homem a filosofar são os problemas que o homem precisa aprender a enfrentar no decorrer de sua existência. A vida corriqueira do pedagogo é sempre preenchida por diversos e diferentes problemas, e ele precisa estar preparado para detectá-los, uma vez que esse profissional lida direta e indiretamente com uma das fases em que a criança precisa de apoio e estrutura psicológica para se tornar um cidadão digno, e esse apoio, na maioria dos casos, nunca está dentro das disponibilidades dos pais ou responsáveis, esse é um dos diversos problemas enfrentados pelos profissionais da educação.

Ao falar em problemas faz-se necessário esclarecer o real significado de tal palavra. Um dos usos mais frequentes da palavra problema é, por exemplo, como sinônimo de questão. Neste sentido, qualquer pergunta, qualquer indagação é considerada problema. Não se conclua daí, todavia, que a

especificidade do problema consiste no elevado grau de complexidade que uma questão comporta. Problema significa tudo aquilo que se desconhece. Ou, como dizem os dicionários, "coisa inexplicável, incompreensível" (CALDAS, apud SAVIANI, 1990, p. 3).

Segundo Saviani (1990), a atitude filosófica colocada dessa forma parece bastante simples, pois uma vez que ela se apresenta como uma reflexão sobre os problemas, e todos os homens possuem seus problemas, se torna quase que inevitável o não refletir sobre os mesmos. Portanto, cada homem é levado naturalmente a refletir, a filosofar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atitude filosófica, no contexto educacional, necessita estar fundamentada em teóricos que abordem a necessidade específica de cada problema, de maneira a analisar a metodologia cabível a cada situação. Para que isso venha a acontecer de maneira plausível, se faz necessário que a formação do pedagogo aconteça de maneira mais completa com embasamento teórico filosófico de maior intensidade. As instituições de ensino superior específicas na formação de pedagogos, e de todos os profissionais que compõem o campo da educação, precisam acrescentar uma quantidade maior de aulas da disciplina de filosofia, para que os profissionais que sejam colocados no mercado de trabalho venham a ser profissionais capacitados para atuar com mais eficácia e que a educação esteja de fato comprometida em formar verdadeiros cidadãos.

Ao analisar todo o contexto exposto sobre a pedagogia e a filosofia da educação tem-se como base que a filosofia é uma grande aliada da prática pedagógica, tanto como disciplina nos cursos de graduação, como também nos anos iniciais da vida estudantil, para que desde cedo, se possa iniciar o processo de formação de verdadeiros cidadãos.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GALLO, S. **Filosofia da educação no Brasil do séc. XX: da crítica ao conceito**. São Paulo v. 9, n. 2, p. 261-284, jul./dez. 2007.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Filosofia da educação**. São Paulo: Ática, 2006.

GHIRALDELLI JR, P. **O que é pedagogia?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é iluminismo? In: **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **A filosofia na formação do educador**. Disponível em: <http://www.scribt.com/doc/7298667/demerval-saviani-do-senso-comum-cons-ciencia-filosofia>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SAVIANI, D. **Contribuições da filosofia para a educação**. Disponível em: www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/715/638. Acesso em: 19 out. 2011.

SILVA, Vanessa Gomes da. **A importância e a contribuição da filosofia para a educação**. Disponível em: www.ieps.org.br/ARTIGO-FILOSOFIA.pdf. Acesso em: 15 out. 2011.

Recebido em: 07/2021

Aprovado em: 08/2021

